

**O EU (OU NÓS) QUE VIAJA: O NARRADOR
EM "OS TRABALHOS DA COMISSÃO BRASILEIRA
DE RECONHECIMENTO DO ALTO PURUS"
DE EUCLIDES DA CUNHA**

Camila Bylaardt Volker (UFSC)
camilabyla@gmail.com
Carlos Eduardo Capela (UFSC)

Esta comunicação analisa uma entrevista que Euclides da Cunha deu ao *Jornal do Commercio* de Manaus, em outubro de 1905, em que, pouco depois de seu retorno da expedição feita ao Alto Purus, responde a uma única pergunta: “Que houve de mais importante na dificultosa viagem da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus?”. Euclides faz uma narrativa que relata os principais eventos da viagem na qual pretendemos analisar a dissociação entre o “eu”, que narra, e o “nós”, usado como referência aos integrantes da Comissão Brasileira de definição de fronteiras. Na pretensão de construir um discurso localizado historicamente em uma contenda diplomática entre Brasil, Peru e Bolívia, analisaremos a situação em que “o enunciador do discurso é ao mesmo tempo participante do processo enunciado, em que o protagonista do enunciado é o mesmo protagonista da enunciação” (BARTHES, 2004, p. 169). Nesse sentido, interessa observar “a escolha dos sintagmas com que [o narrador] cerca seus atos passados” (BARTHES, 2004, p. 170). Demonstraremos que o autor, a despeito da utilização do pronome no plural, possivelmente para demonstrar a integração da Comissão, apresenta momentos de oscilação, fazendo uso da 1ª ou até da 3ª pessoa do singular. A não homogeneidade na utilização dos pronomes indica que não haveria integração entre os membros da comissão suficientemente grande para que o “nós” pudesse ser utilizado indistintamente – a integração almejada, mas não alcançada, seria previsível, uma vez que só temos a narrativa do próprio Euclides. Para subsidiar a análise, utilizaremos os princípios teóricos delineados por Roland Barthes em *O Discurso da História*, onde o teórico faz um esquadramento da estrutura do discurso histórico.